

Si capisce

Contos
da imigração

Paulo
de Tarso
Freitas

Miró
EDITORIAL

Copyright © 2020 Paulo de Tarso Freitas
Copyright © 2020 Miró Editorial Ltda.
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa,
em vigor desde janeiro de 2009.

Produção editorial
Miró Editorial

Editor
Márcia Lígia Guidin

Capa e projeto gráfico
Alberto Mateus

Preparação e revisões
Nicole Collet
Michelle Neris da Silva Campos

Diagramação
Crayon Editorial

Para adquirir esta obra, entre em contato com:
editorial@miroeditorial.com.br
www.miroeditorial.com.br

Foto de capa: Mulher peneirando café, 1954, Paraná
URL <http://200.143.213.11/1235813/11>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F937s Freitas, Paulo de Tarso
1.ed. Si capisce: contos da imigração / Paulo de Tarso
Freitas. – 1.ed. – São Paulo: Miró Editorial, 2020.
132 p.; 14 x 21 cm.

ISBN: 978-65-990077-1-2

1. Literatura brasileira. 2. Contos. 3. Imigração. 4.
Itália. I. Título.

4/2020-11 CDD 869.93
CDU 811.134.3

Índice para catálogo sistemático:


1. Literatura brasileira: contos
2. Imigração: Itália

Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

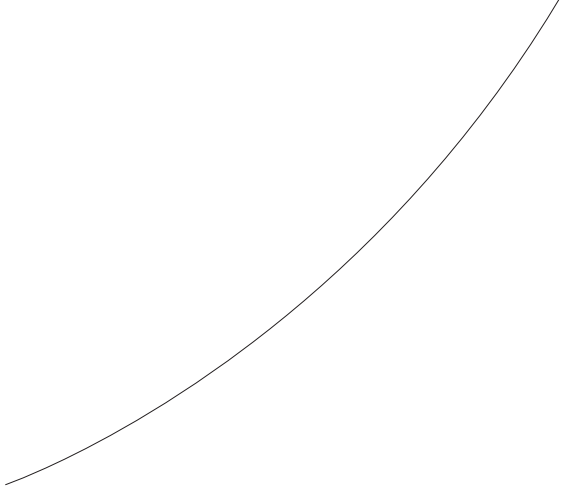
Todos os direitos reservados
Miró Editorial Ltda.

Miró
EDITORIAL

Rua Oscar Freire, 836/121
CEP 01426-000 – São Paulo – SP
Tels. (55) (11) 3063-3390 / (55) (11) 942989697
Nosso site: www.miroeditorial.com.br



*Da Itália nós partimos
Partimos com nosso honor
Trinta e seis dias de máquina a vapor,
Mérica, Mérica, Mérica,
Como será essa Mérica...?*





Sumário

Apresentação	9
Na imensidão das águas	11
<i>Verfluchte italiener</i>	19
Porca miséria	27
Daqui a pouco chega o patrão	34
João-Ninguém	41
Moroso Albino	46
Muitos voltaram	54
O representante	60
A visita do bispo	63
Um fantasma sem destino	70
Quando vai entardecendo	79
Nandin	85
A casa caiu, senhor Hitler	89
Fritzen Vasken, o grande crítico	96
Bate-papo no salão do Ciccio	101
A rainha dos Alpes	106
<i>Addio sogni di gloria</i>	111
Benvenuto	119
Éramos crianças	126
Vocês não se enxergam?	128

Apresentação

SI CAPISCE – *Contos sobre a imigração*, de Paulo de Tarso Freitas, já traz no título a intenção de nos fazer compreender facetas da imigração italiana para as terras brasileiras do café (séculos XIX e XX) – sobretudo o trabalho árduo na lavoura e o imenso desejo dos italianos para se adaptar à “Mérica” de sonhos e esperanças.

O autor traça esse movimento reunindo figuras locais do poder pós-Abolição: coronéis e delegados em conluio; um barbeiro bajulador; oficiais militares de título comprado; famílias desfeitas e desiludidas; lavradores sob contratos ilegais em fracassadas reclamações; mulheres de conduta duvidosa ou comadres de moral rústica na roça brasileira. Isso tudo diante da mistura de dialetos regionais com que o autor encorpa sua narrativa. Nestes contos não há lugar para heróis; ao contrário, o imigrante sofre e o retrato de brasileiros impiedosos é duro e verdadeiro.

Parte da força narrativa está nos desfechos, que propositalmente ficam suspensos, extravagantes e nada confortáveis para o leitor. Cabe a este mastigar o que leu e alinhar-se à justiça (ao menos literária) que o autor oferece através de sua indignação. É um retrato de amor à Itália e à pátria simultaneamente. É como se o autor, provocando nosso senso ético e estético, perguntasse: O que achas disso, leitor? A nós só caberia responder: *Si capisce*.

Márcia Lígia Guidin

*Professora de Literatura Brasileira
Ensaísta, editora*



Na imensidão das águas

1. Irrelevante

ENQUANTO CORTA O MAR a quinze nós, submisso às ondas, correntes marinhas e ventos, ele ora pende para a direita, ora para a esquerda, ora levanta a proa, ora a abaixa...

Há poucos dias deixou seu ponto de partida, agora já invisível, um nada em meio à gigantesca massa de água a ser atravessada. Uma insignificância dentro da insignificância, infinitamente maior, que é essa massa diante do espaço do universo.

2. O jogo de cartas

Vejam. Lá onde o fecho de luz de uma pequena lanterna os ilumina, aqueles velhos senhores, por um momento afastados dos membros de suas famílias, bebem um trago de

grapa ao som das risadas entrecortadas de quem conseguiu escapar do controle dos seus.

Olha lá o que diz aquele com cara de malandro, com o nariz de tucano e olhos perspicazes que saltam de um lado para o outro para investigar o ambiente:

— Espero que aquele *disgraziato* espião não venha por estes lados... Se não fosse meu neto, juro pelo meu filho que lhe dava uma cacetada na cabeça. *'Sto maledetto* traidor...

— *Scopa!* — diz um outro ao seu lado, cortando-lhe a palavra, seguido pelo que está à sua direita, um velhinho que mais parece recém-saído de um campo de concentração, com a cabeça raspada e que, a cada minuto, faz um gesto afirmativo mecânico sem correlação com os diálogos que se desenvolvem entre eles:

— *Mascalzone...* Que *culo* tem esse camarada!

3. O rei das trevas

Afastados, em um outro canto e quase na penumbra, rapazes conversam. Vamos ver o que dizem. Onde vêm. Que dialeto é esse? Lembra o vêneto, mas não! Ah! São trentinos. O mais velho, Alfredo, fala. Parece que quer impressionar. E os outros prestam atenção.

— Nossos *antenati* estavam com um problema difícil de resolver. Precisavam construir uma ponte para ligar dois lados de um grande abismo. Problemão...

— E como eles se arranjaram? — pergunta um vêneto que tinha se enturmado com eles.

— *Il Diavolo!* — Alfredo faz uma pausa e continua: — O Diabo disse que ia fazer a ponte para eles. Mas com uma condição... Queria uma coisa em troca. — Fala com um olhar de quem quer ver se os companheiros adivinham.

E um deles responde:

— Já sei. Queria a alma de um dos *contadini*.

— É isso aí — Alfredo confirma. — *Bravo*, Magnavacca! Mas olha lá, prestem atenção: seria dele a alma do primeiro ser vivente que passasse pela ponte. — E ele prossegue com um sorriso, diante da expectativa de seus colegas:

— Então, um tal de Beppe Volpe (olhem o sobrenome), muito conhecido por aquelas bandas, voltou-se para o Diabo e disse: “Tudo bem, *signor Diavolo*. Tudo bem, excellentíssimo *signor Diavolo*... Eu ofereço a minha alma! Pode fazer a ponte”. Todos os montanhese sentiram uma dor no peito diante dessa decisão de Beppe: “Pobre Beppe! Vai perder sua alma por nós”.

O contador de histórias toma fôlego e continua:

— Assim que termina de construir a ponte, o Diabo chama os habitantes daquele lugarejo e, quando todos se acomodam à sua volta, diz: “Está aí a ponte, como prometi. Vamos dispensar cerimônias, discursos de inauguração e formalidades. Sejam objetivos: agora, senhor Beppe Volpe, vamos ao cumprimento da cláusula condicional”. Beppe então busca com o olhar seus conterrâneos, todos entristecidos, dando-lhes uma piscada: “*Patti chiari amicitia a lungo, signor Diavolo*, ou seja, pactos claros, longa

amizade, excelentíssimo senhor Diabo”. Dito isso, Beppe olha os seus atentos companheiros e procura com eles cumplicidade velada sem dar a mínima para a presença de Satanás. Pega uma cabra que trouxe consigo, dá pequenas chicotadas no seu traseiro de modo que ela corra pela ponte. Então, olha para o rei das trevas e declara: “O contrato fala que é sua, excelentíssimo senhor, a alma do primeiro ser vivente que passe sobre a ponte! Assim, a alma da cabra é toda sua, Alteza”.

— E o Diabo, como é que ficou com isso? — pergunta Magnavacca.

— Dizem que o diabo, louco de raiva, cortou a cauda da cabra, *poverina*, que pagou o pato. Ela e suas sucessivas gerações perderam o rabo.

4. Um mundo novo

Lá, mais ao fundo... Vejam aquelas garotas que fugiram há pouco para o convés. Certamente ali respiram melhor, ali naquele canto. Mocinhas alvoroçadas, talvez montanhe-sas? Talvez carregadas de sonhos e esperanças. Talvez a curiosidade do desconhecido ilumine os seus rostos e, assim, parecem mais belos seus olhos azuis que espelham a absoluta convicção de que o amanhã será melhor.

— Mas como será *la tigre brasiliana*? Não será perigoso viver naquelas terras?

— *Ma*, Rosina, sua tonta! Não é assim que se diz. Não é *la tigre*, é *la onça*.

— Tonta é você, Elena. Tá bem, onça... sua sabe-tudo. Mas pelo menos dizem que lá não tem urso nem lobo. Dizem que as paisagens são muito bonitas. As pessoas gostam dos estrangeiros. Eu tenho a certeza de que vamos ser felizes.

— Eu quero plantar todos os tipos de flores e frutos. Um pomar para que meus filhos se sintam no *paradiso* — diz Antonelle, a mais mocinha delas, com os cabelos em trança, fazendo-a parecer uma boneca de face rosada.

— Pra isso, primeiro precisa casar, *duchessa*. E me diga uma coisa: com quem?

— Não sei como vocês conseguem esquecer esta fedentina. Não quero nem saber o que existe lá no Brasil — diz Ana. — Cobras, bichos, seja lá o que for, como vai ser a nossa vida...? Eu só queria é me livrar desta viagem. Vocês viram? Aquele velhinho e o filho da *signora* Ema foram jogados no mar ontem à tarde. Quase todo dia é isso, é a mesma coisa. Eu não aguento mais.

— Que exagero — exclama Elena.

— Exagero? E naquela tempestade? Pareceu o fim do mundo. Pareceu que o navio ia pro fundo do mar. Vocês não viram aquele menino que bateu com a cabeça na coluna? Coitado, morreu na hora. Tem momentos em que eu sinto a minha respiração quase parar...

— Ana, meu amor, um mês, ou uns dias a mais, passa logo. Elas estão certas. É preciso sonhar com essa nova vida que nos espera e esse mundo novo que está para vir.

— É isso aí, Ana. É preciso sonhar. Mas numa coisa você tem razão. Nem aqui no convés a gente consegue escapar daquele cheiro. De vez em quando vem um bafo quente lá do fundo, pela escada. Eu vou respirar um pouco melhor mais para lá.

— Mas naquela escuridão, Valentina? Cuidado.

— Quero ficar um pouco sozinha.

5. Valentina

Valentina caminha a passos lentos, procurando algo de novo no seu entorno e seus olhos mal enxergam a água borbulhando, uma ou outra estrela mais ao longe, bem em cima dela nuvens escuras, que se deixam ver somente no ponto em que ofuscam o luar. E murmura consigo mesma: “É preciso sonhar. Tá certo... É verdade, elas têm *ragione*. É claro que é preciso sonhar. Como será esse Brasil? *Ma* preocupa pensar sobre o que pode acontecer. Será que lá tem bicho? *Ma dai, San Paolo* é um mar de café! *Lascia perdere*, Valentina, o que você quer é seu príncipe. E sinto como será ele, o seu olhar, os seus cabelos... *Brasiliano*, talvez. Ou mesmo *uno dei nostri*...”

Procura com os olhos à sua volta e nada de novo. Tudo escuro. Ouve somente o barulho do motor que sobrepuja o som das ondas do mar, por ora calmo. E deixa seu pensamento deslizar, como a nave desliza pelas águas. Continua a sonhar, sonhar, sempre quase a murmurar tudo aquilo que lhe passa pela cabeça. E vem-lhe a saudade dos

passeios pelos prados e bosques e dos cantos montanheses. Por outro lado, a esperança. Um misto de saudade e de esperança.

De repente, surge à sua frente um homem muito alto e *corpulento*, vestido todo de negro. Ela sente um cheiro repugnante. A massa de ar quente que emana daquele gigante a envolve, causando-lhe nojo, ao mesmo tempo que o seu coração acelera. Quem será? Por que esse rosto coberto com um lenço vermelho?

E ela exclama:

— Ai, meu Deus, que é isto?

— Quieta, ou te joga no mar! Cala a boca! — diz uma voz grave que parece vir do fundo das entranhas.

O homem de mãos grandes e pesadas, rosto marcado por cicatrizes disformes, tapa-lhe a boca com uma das mãos e, com a outra, dá-lhe um soco no queixo que a faz desmaiar...

Ele examina o ambiente à sua volta, rasga as vestes e as roupas íntimas da garota, deita o olhar no seu corpo seminudo e esboça um riso. Ajeita o corpo desfalecido no piso frio e úmido e, ali mesmo, penetra-a de um só golpe. Satisfeito, deixa a vítima estirada com as partes descobertas, sujas e ensanguentadas. Relanceia novamente o entorno, ajeita a calça, recobre o rosto e foge.

Acordando de sobressalto, com dores no rosto e sangrando, Valentina procura cobrir-se com os trapos que lhe restaram. Desespera-se e chora.

Traumatizada, sente nojo, sente-se suja, perde a coragem, e tudo isso provoca um sofrimento que apaga em sua alma a ideia de um mundo bom.

Apesar da violência sofrida, sente-se culpada por não ter feito o bastante para se defender, por ter errado em estar lá naquele canto deserto, e, assim, perde toda a ilusão de segurança que sempre a havia acompanhado até então.

Com esta reflexão, volta seu olhar para o mar, enquanto a ameaça de nele ser jogada pelo monstro se transforma em sugestão. Em seguida, a dúvida profunda. E, na profundidade das águas, “o desconhecido, o horror do desconhecido, da viagem da qual ninguém retorna”, que a impede de nelas acabar com seu sofrimento.

6. Mérica, Mérica

Enquanto a bordo do navio ocorrem esses e outros episódios, a tripulação preocupa-se tão somente em manter a rota para entregar a carga humana. E o majestoso e imponente *Imperatore* continua sua viagem para a terra da esperança, do ouro negro, a *Mérica...* mesmo que ela seja mera propaganda dos interesses do lado de cá e daqueles de lá. A bordo, todos cantam:

Da Itália nós partimos

Partimos com nosso honor

Trinta e seis dias de máquina a vapor,

Mérica, Mérica, Mérica,

Como será essa Mérica...?